



Edição especial Bento XVI • Ano XXVII, n.º 191 • janeiro de 2023 • tbcpaouquia.pt

Joseph Aloisius Ratzinger

1927 – 2022

Papa Bento XVI

2005 – 2013





© Malte Ossowski/SvenSimon/picture alliance

Humilde servidor na Vinha do Senhor

No dia 14 de maio de 2010, tive o privilégio, juntamente com alguns paroquianos, de estar fisicamente perto do Papa Bento XVI, no Porto, aquando da sua Viagem Apostólica a Portugal, como peregrino de Fátima. Segundo muitos, esta peregrinação foi um ponto de viragem no pontificado. Para aqueles que tiveram a oportunidade de se aproximar do Papa, de escutar as suas palavras, de ver os seus gestos e expressões, deu-se como que uma conversão entre a imagem vendida pela comunicação social e a constatação de um homem de Deus, simples, próximo, humilde e sábio.

No Porto, sublinhou que "tudo se define a partir de Cristo, quanto à origem e à eficácia da missão: a missão recebemo-la sempre de Cristo, que nos deu a conhecer o que ouviu a seu Pai, e somos nela investidos por meio do Espírito na Igreja. Como a própria Igreja, obra de Cristo e do seu Espírito, trata-se de renovar a face da terra a partir de Deus, sempre e só de Deus!"

As primeiras palavras, após a eleição, a 19 de abril de 2005, breves, são demasiado luminosas: "Depois do grande Papa João Paulo II, os Senhores Cardeais elegeram-me, simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor. Consola-me saber que o Senhor sabe trabalhar e agir também com instrumentos insuficientes. E, sobretudo, recomendo-me às vossas orações. Na alegria do Senhor Ressuscitado, confiantes na sua ajuda permanente, vamos em frente. O Senhor ajudar-nos-á. Maria, sua Mãe Santíssima, está connosco".

As pessoas que o conheciam como cardeal, testemunharam sempre a sua simplicidade, timidez e uma grande afabilidade para com cada pessoa, fosse quem fosse.

No início (oficial) do pontificado, a 24 de abril, reafirma-se ao serviço da palavra de Deus, confiando na intercessão

dos santos e de todos os fiéis.

"E agora, neste momento, eu, frágil servo de Deus, devo assumir esta tarefa inaudita, que realmente supera qualquer capacidade humana. Como posso fazer isto? Como serei capaz de o fazer? Todos vós, queridos amigos, acabaste de invocar todos os santos, representados por alguns dos grandes nomes da história de Deus com os homens. Desta forma, também em mim se reaviva esta autoconsciência: não estou sozinho. Não devo carregar sozinho o que na realidade nunca poderia carregar sozinho. Os numerosos santos de Deus protegem-me, amparam-me e guiam-me. E a vossa oração, queridos amigos, a vossa indulgência, o vosso amor, a vossa fé e a vossa esperança acompanham-me. De facto, à comunidade dos santos não pertencem só as grandes figuras que nos precederam... Todos nós somos a comunidade dos santos, nós batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós que vivemos do dom da carne e do sangue de Cristo, por meio do qual ele nos quer transformar e tornar-nos semelhantes a Si mesmo".

Sobre um programa possível, afirma: "O meu verdadeiro programa de governo é não fazer a minha vontade, não perseguir ideias minhas, pondo-me contudo à escuta, com a Igreja inteira, da palavra e da vontade do Senhor e deixar-me guiar por Ele, de forma que seja Ele mesmo quem guia a Igreja nesta hora da nossa história".

Nas conversas finais, com Peter Seewald...: "É preciso continuar a aprender o que a fé nos diz neste nosso tempo. É preciso aprender a ser mais humilde, mais simples, mais sofredor e a ter mais coragem para resistir; e, por outro lado, aprender a ser sincero e a estar disponível para continuar a caminhar".

Pe. Manuel Gonçalves

Texto publicado originalmente na Voz de Lamego

O meu testamento espiritual

Se nesta tarde hora da minha vida olho para as décadas que percorri, como primeira coisa vejo quantas razões tenho para agradecer. Agradeço antes de tudo ao próprio Deus, o dispensador de todo bom dom, que me doou a vida e me guiou através de vários momentos de confusão; levantando-me sempre toda vez que começava a escorregar e dando-me sempre novamente a luz da sua face. Retrospectivamente vejo e compreendo que mesmo os trechos obscuros e cansativos deste caminho foram para a minha salvação e que justamente neles Ele me guiou bem.

Agradeço aos meus pais, que me doaram a vida num tempo difícil e que, a custa de grandes sacrifícios, com o seu amor me prepararam uma magnífica morada que, com a sua clara luz, ilumina todos os meus dias até hoje. A lúcida fé do meu pai me ensinou a nós, filhos, a crer, e como indicador sempre foi firme em meio a todas as minhas aquisições científicas; a profunda devoção e a grande bondade da minha mãe representam uma herança à qual jamais poderei agradecer suficientemente. A minha irmã me assistiu por décadas de maneira desinteressada e com afetuoso cuidado; o meu irmão, com a lucidez dos seus juízos e a sua vigorosa determinação, sempre me abriu o caminho; sem este seu contínuo preceder-me e acompanhar-me, não poderia ter encontrado o caminho justo.

De coração agradeço a Deus pelos muitos amigos, homens e mulheres, que Ele sempre colocou ao meu lado; pelos colaboradores em todas as etapas do meu caminho; pelos mestres e os estudantes que Ele me deu. Agradecido, confio a todos à Sua bondade. E quero agradecer ao Senhor pela minha bela pátria nos pré-alpes bávaros, na qual sempre vi transparecer o esplendor do próprio Criador. Agradeço às pessoas da minha pátria, porque nelas pude sempre experimentar de novo a beleza da fé. Rezo para que a nossa terra permaneça uma terra de fé e vos peço, queridos compatriotas: não vos distraíais da fé. E finalmente agradeço a Deus por todo o belo que pude experimentar em todas as etapas do meu caminho, especialmente, porém, em Roma e na Itália, que se tornou a minha segunda pátria.

A todos aqueles que de algum modo tenha cometido um erro, peço perdão de coração.

Aquilo que antes disse aos meus compatriotas, o digo agora a todos aqueles que na Igreja foram confiados ao meu serviço: permaneci firmes na fé! Não vos deixeis confundir! Com frequência, parece que a ciência – as ciências naturais de um lado e a pesquisa histórica (em particular a exegese da Sagrada Escritura) de outro — seja capaz de oferecer resultados irrefutáveis em contraste com a fé católica. Vi as transformações das ciências naturais desde tempos remotos e pude constatar como, ao contrário, tenham desaparecido aparentes certezas contra a fé, demonstrando-se ser não ciência, mas interpretações filosóficas somente aparentemente incumbentes à ciência; assim como, por outro lado, é no diálogo com as ciências naturais que também a fé aprendeu a compreender melhor o limite do alcance de suas afirmações e, portanto, a sua especificidade. São pelo menos 60 anos que acompanho o caminho da Teologia, em especial das Ciências Bíblicas, e com o subseguir-se das várias gerações vi ruir teses que pareciam ina-

baláveis, demonstrando-se serem simples hipóteses: a geração liberal (Harnack, Jülicher ecc.), a geração existencialista (Bultmann ecc.), a geração marxista. Vi e vejo como do emaranhado das hipóteses tenha emergido e emerja novamente a razoabilidade da fé. Jesus Cristo é realmente o caminho, a verdade e a vida — e a Igreja, com todas as suas insuficiências, é realmente o Seu corpo.

Por fim, peço humildemente: rezem por mim assim que o Senhor, não obstante todos os meus pecados e insuficiências, me acolher nas moradas eternas. A todos aqueles que me são confiados, dia após dia, vai de coração a minha oração,

Benedictus PP XVI
29 de agosto de 2006



Papa Francisco no funeral do Papa Bento XVI

Também nós, firmemente unidos às últimas palavras do Senhor e ao testemunho que marcou a sua vida, queremos, como comunidade eclesial, seguir as suas pegadas e confiar o nosso irmão às mãos do Pai: que estas mãos misericordiosas encontrem a sua lâmpada acesa com o azeite do Evangelho, que ele difundiu e testemunhou durante a sua vida (cf. Mt 25, 6-7).

... É o Povo fiel de Deus que, congregado, acompanha e confia a vida de quem foi seu pastor. Como as mulheres do Evangelho no sepulcro, estamos aqui com o perfume da gratidão e o unguento da esperança para lhe provar, uma vez mais, o amor que não se perde; queremos fazê-lo com a mesma unção, sabedoria, delicadeza e dedicação que ele soube dispensar ao longo dos anos. Queremos dizer juntos: «Pai, nas tuas mãos entregamos o seu espírito».

Bento, fiel amigo do Esposo, que a tua alegria seja perfeita escutando definitivamente e para sempre a sua voz.

De Joseph Ratzinger a Bento XVI (biografia)

Joseph Aloisius Ratzinger, o Papa Bento XVI, nasceu em Marktl (Alemanha), no dia 16 de abril de 1927, e passou a sua infância e adolescência em Traunstein, perto da Áustria.

Nos últimos meses da II Guerra Mundial (1939-1945), foi arrolado nos serviços auxiliares antiaéreos pelo regime nazi.

Juntamente com o seu irmão Georg, foi ordenado padre a 29 de junho de 1951; dois anos depois, doutorou-se em teologia com a tese “Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho”.

De 1962 a 1965, participou no Concílio Vaticano II como “perito”.

Em 25 de março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o arcebispo de Munique e Frisinga. Escolheu como lema episcopal “Cooperador da verdade”. Em 27 de junho de 1977, Paulo VI criou-o cardeal.

Em 1978, participou no Conclave, celebrado de 25 a 26 de agosto, que elegeu João Paulo I; no mês de outubro desse mesmo ano, participou também no Conclave que elegeu João Paulo II.

O Papa polaco nomeou-o como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional, em 25 de novembro de 1981.

No dia 19 de abril de 2005 foi eleito como o 265.º Papa, sucedendo a João Paulo II.

No seu primeiro discurso como Papa, Bento XVI definiu-se como “um simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor”, pedindo orações aos fiéis.

Realizou 24 viagens ao estrangeiro, incluindo uma visita a Portugal, entre 11 e 14 de maio de 2010, com passagens por Lisboa, Fátima e Porto; assinou três encíclicas e presidiu a três Jornadas Mundiais da Juventude, para além de ter convocado cinco Sínodos de Bispos, um Ano Paulino, um Ano Sacerdotal e um Ano da Fé.

Entre os temas centrais do pontificado estiveram as críticas ao relativismo e ao secularismo da sociedade ocidental, a preocupação com as questões bioéticas – aborto, eutanásia, investigação em embriões – e da família, para além da crise financeira e das questões ecológicas.

Face à crise provocada pelos casos abusos sexuais cometidos por membros do clero ou em instituições católicas de vários países, Bento XVI encontrou-se com vítimas em várias viagens, demitiu bispos e reformou a legislação da Igreja, neste campo.

A 11 de fevereiro de 2013, Dia Mundial do Doente e memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes, anunciou a renúncia ao pontificado.

“Bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de bispo de Roma, sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos cardeais em 19 de abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20h00, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante .

Faleceu a 31 de dezembro de 2022.



Obrigada Bento XVI

A 31 de dezembro de 2022, às 9h34, hora portuguesa, o Papa emérito Bento XVI parte para a casa do Pai.

Amado por muitos, mas incompreendido por outros, o primeiro Papa emérito em cerca de 600 anos foi um verdadeiro exemplo cristão, "entregou a totalidade da sua vida ao serviço de Deus e da sua Igreja".

Um teólogo brilhante que soube evangelizar por palavras, mas sobretudo por atos. Ao contrário dos mais críticos, Bento XVI não era arrogante, não se impunha sobre ninguém, não se julgava senhor de nada nem ninguém, muito menos detentor de poderes intransitíveis.

A coragem que demonstrou ao resignar quando já sentia não ter condições para exercer o seu ministério, e para fazer face aos problemas da Igreja, foi o maior gesto de humildade, inteligência e desprendimento alguma vez visto por parte do ministério petrino.

Reconhecer as nossas limitações, saber dar o lugar a outro, desprendermo-nos de qualquer réstia de poder, seguir para segundo plano por um bem maior, são ações que raramente são vistas, e invulgarmente praticadas, principalmente por nós, em variadíssimas situações.

Mesmo não gostando da sua personalidade, é injusto não reconhecer a importância das suas decisões. Basta imaginar como estaria a Igreja hoje ao ser orientada por ele, já tão debilitado nos últimos anos, até à sua morte.

Não somos super-heróis, não somos imprescindíveis, não somos os mais inteligentes ou espertos. Nas nossas pequenas paróquias, quantas vezes achamos que se não formos nós a fazer uma determinada coisa ela não ficará bem feita? Só dando o lugar a outro, só aceitando ajuda de outro, é que poderemos ver as diferenças se forem outras pessoas a pensar e a fazer.

Obrigada Bento XVI por nos ensinares a ser pequeninos, a entregar o nosso destino, a nossa vida, nas mãos de Deus com plena fé e confiança, a aceitar os desígnios do Senhor.

Raquel Assis (Publicado originalmente na Voz de Lamego)